

RIO SÃO FRANCISCO: CULTURA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO

REGINA CELESTE DE A. SOUZA¹
ALBA REGINA NEVES RAMOS²

Resumo

O artigo resulta de pesquisa realizada no Vale Sanfranciscano – municípios de Juazeiro/Petrolina – Barra/Xique-Xique área complexa com grandes mudanças, ocorridas sobretudo nos últimos sessenta anos, que afetaram a população ribeirinha. Com o enfoque na religiosidade, gastronomia, artesanato, educação, energias alternativas, agronegócio, atividade turística, importante para compreender o processo de desenvolvimento, foram destacadas as consequências socioambientais, as desigualdades socioeconômicas e vida cotidiana da população ribeirinha desterritorializada do “Velho Chico”. O município de Barra pode ser considerado o espaço mais tradicional dos quatro selecionados. A população barrensense cultua o passado, as tradições, tem a forte liderança da Igreja Católica, através da Diocese, a mais antiga na área estudada, e preocupação com o desenvolvimento sustentável, com a transmissão dos saberes às gerações mais jovens, além do amor às artes e a qualidade do que é produzido, o que fortalece a identidade sertaneja.

Palavras-chave: Cultura; Identidade; Desenvolvimento; Ribeirinhos.

Abstract

Such a work has been made in Vale Sanfranciscano which is a town belonged to Juazeiro/ Petrolina – Barra/ Xique-Xique (a complex area with large changes) which has the aim of identifying the changes which have been occurred in the last sixty years

which affected the “ ribei-rinha” population. It has been focused on religiosity, gastronomy, artistic technique, education, alternatives energies, business on agriculture, touristy activity which have been important in order to comprehend the process of development. It has been put in destak the surrounding and social consequences as well as economical and social disparities and “ribeirinha” population day-by-day which has lost “Velho Chico”. The town of Barra might be considered the most traditional space of all. Such a town valorizes the past, traditions (with a strong influence of the Catholic Church through Diocese which has been the most ancient studied area) as well as a larger ecological awareness and preoccupation with the sustainable development in order to transmit the knowledge to younger people, the love to the arts and the

quality of what has been produced in order to fortify the sertão identity.

Keywords: Culture; Identity; Development; “ribeirinhos”.

JEL: O1; O10; O15

1 Introdução

O presente artigo resulta de um estudo realizado no Vale Sanfranciscano – municípios de Juazeiro/Petrolina – Barra/Xique-Xique durante dois anos, a partir de um Convênio de Cooperação Técnica assinado em novembro de 2008 entre a Unifacs, o Albright College (EUA) e o Programa Companheiros das Américas – Comitê Bahia/Pennsylvania, com o objetivo de analisar as mudanças que ocorreram na área, nos últimos sessenta anos e que afetaram a população ribeirinha, sua cultura e identidade³.

¹ Doutora em Geografia — Prof^{ta} Titular do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Unifacs. Líder do grupo de Pesquisas em Turismo e Meio Ambiente — GPTURIS. E-mail: regina.souza@unifacs.br

² Doutora em Sociologia – Prof^{ta} Titular do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Unifacs. Membro do Grupo de Pesquisas em Turismo e Meio Ambiente. E-mail: arnr@ufba.br

³ A equipe foi constituída dos seguintes membros: **Coordenadores:** Regina Celeste de A. Souza - PPDRU - Unifacs/Companheiros das Américas, Elizabeth Kiddy – Albright College / Companheiros das Américas, Alcides dos Santos Caldas – PPDRU/Unifacs; **Professores pesquisadores:** Alba Regina Ramos (Doutora em Sociologia), Alcides dos Santos Caldas (Doutor em Geografia), Elizabeth Kiddy (PhD em Estudos Latinoamericanos), Maria das Graças Fraga Maia (Doutora em Geografia), Regina Celeste de A. Souza (Doutora em Geografia); **Pesquisadores:** Maria Cândida Arrais de Miranda Mousinho (Mestre em Análise Regional e Voluntária Companheiros das Américas), Veralucia Alcântara Borges dos Santos (Mestranda em Desenvolvimento Regional e Urbano/Bolsista CNPq/Voluntária Companheiros das Américas); **Bolsistas de IC:** Naira Brandão Silvério (Graduanda em Turismo da Universidade Salvador/Bolsista Fapesb), Patrícia Guerra Azevedo (Bolsista Companheiros das Américas / Graduanda em Gastronomia – Centro Universitário da Bahia - FIB) e Bruno Neiva, graduando em Economia, Bolsista IC/FAPESB.

A estruturação deste texto apoiou-se em três pontos fundamentais, quais sejam: a bacia do São Francisco, com suas características principais, inserindo-a no panorama hídrico nacional; o objeto de estudo e o referencial teórico que o sustentou; o recorte espacial, justificando-se a escolha dos quatro municípios que foram estudados; por fim, as mudanças ocorridas no século XX, a partir da construção da Barragem do Sobradinho, na década de 1970, a qual trouxe grandes impactos socioeconômicos e ambientais para a área estudada. Destaca-se igualmente a introdução da agricultura irrigada e do agronegócio que provocaram uma sensível mudança cultural no ambiente da Caatinga, trazendo novas técnicas agrícolas, novas pesquisas, novos moradores, novos valores e hábitos, distintas religiões, novas relações de trabalho. Mostraram igualmente relevantes o papel social da Igreja Católica, através das Pastorais, a oferta de novos cursos profissionalizantes, a criação de universidades, novos meios de transporte e de comunicação com outros povos. Em suma, uma nova consciência das possibilidades de convivência no Semiárido.

2 A Bacia do Rio São Francisco: características principais e inserção no panorama hídrico nacional

No contexto nacional, a Bacia do Rio São Francisco, com uma área de 640.000 km², é considerada a terceira maior bacia brasileira, onde se localizam 504 municípios e vivem aproximadamente 13 milhões de habitantes.

Trata-se de bacia que se constitui a partir do Planalto Central Brasileiro, tal como parte da Bacia Amazônica e da Bacia do Paraná/Paraguai sob a influência de um grande ecossistema, o bioma Cerrado, verdadeira caixa d'água do país, visto que possui grande quantidade de nascentes.

Outros biomas, além do Cerrado, são também encontrados nesta bacia,

“
Esses três biomas apresentam-se, atualmente, com níveis variados de degradação e algumas áreas de transição ou de tensão ecológica.
”

como a Caatinga, caracterizando o médio e submédio cursos (foco deste estudo) e a Mata Atlântica, na sua parte litorânea próximo à foz. Este último é ocupado desde os primórdios da colonização portuguesa, como atestam numerosos canaviais ainda em operação e ruínas de antigos engenhos de açúcar ainda visíveis na paisagem atual, bem como belas cidades coloniais, como Penedo ou Piranhas, no Estado de Alagoas localizadas às margens do São Francisco. Esses três biomas apresentam-se, atualmente, com níveis variados de degradação e algumas áreas de transição ou de tensão ecológica.

O São Francisco, principal rio desta bacia e que lhe dá o nome, tem uma extensão de 2.700 km, percorridos inteiramente no território nacional, cortando 5 Estados brasileiros — Minas Gerais, onde nasce na Serra da Canastra, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe —, tangencia Goiás e o Distrito Federal, desaguardo no Oceano Atlântico, com uma vazão média de 3.800 m³/s. Pelo fato de atravessar mais de um Estado da Federação, é classificado como rio federal. Convém também ressaltar que 85% da bacia sanfranciscana correspondem a áreas de Minas Gerais e da Bahia e que os 15% restantes são distribuídos entre os demais estados cortados pelo rio.

O São Francisco é um típico rio de planalto, com várias quedas

d'água ao longo de seu curso, dentre as quais a Cachoeira de Paulo Afonso, a mais famosa e durante tanto tempo a mais exuberante, hoje completamente descaracterizada, devido aos barramentos. O volume de água produzido por essas quedas possibilitou o aproveitamento econômico com a geração de energia elétrica que abastece toda a Região Nordeste. Segundo a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) em dados publicados pelo Senado Federal em 2002, através da Comissão de Acompanhamento do Projeto de Revitalização do Rio São Francisco, o potencial elétrico estimado na Bacia do São Francisco é de 13.670 MW, 10.433 dos quais já estão efetivados, por meio das usinas em operação, o que corresponde a 76% do potencial. Por outro lado, o fato de ser rio de planalto constituiu um fator limitante para a navegação interna, apresentando condições de navegabilidade em apenas dois trechos: o de Pirapora até Juazeiro, num total de 1.371 km, e o de Piranhas (Alagoas) até a Foz, perfazendo mais de 208 km. Por causa do processo de assoreamento que se verifica atualmente no rio, a navegação foi praticamente desativada e os trechos navegáveis sem dificuldade tornaram-se cada vez mais reduzidos.

Dentre os afluentes do São Francisco merecem destaque aqueles da margem esquerda, originários de regiões de planalto: o Carinhanha, o Corrente, o Grande e o Preto, todos permanentes, com fortes sinais de assoreamento e poluição, devido à ocupação maciça com soja e outros cereais que destrói muitas de suas nascentes. Os afluentes da margem direita, como o Santo Onofre, o Paramirim, o Verde e o Salitre, são temporários, permanecendo durante grande parte do ano com vazões mínimas ou simplesmente secos, devido ao baixo índice pluviométrico da região. Todos são rios de regime pluvial. Este último, o Rio Salitre, já passou por diversas fases de aproveitamento econômico, tendo papel decisivo como área piloto

“ *O Vale do São Francisco foi explorado desde o início da colonização portuguesa a partir de sua foz e logo algumas cidades foram erguidas, como Penedo, em Alagoas, a 30 km do Oceano Atlântico.* ”

da agricultura irrigada nos anos 1980, sendo igualmente palco de conflitos pelo uso da água, com oscilações no desempenho da agricultura irrigada ai implantada; encontra-se novamente com uma grande expectativa em relação ao projeto conhecido como “Salitrão”, que será implantado.

A variedade de vegetação encontrada no Vale do São Francisco é decorrente dos fatores climáticos e ambientais como um todo. Tendo em vista que a maior parte deste vale está inserida no Clima SemiÁrido e dentro do Bioma Caatinga (parte do Médio e Submédio cursos), destaca-se o ambiente conhecido como Sertão, com elevadas temperaturas (em torno de 30°C) ao longo do ano e baixos índices pluviométricos, inferiores a 650 mm anuais, estes concentrados em poucos meses.

3 Área de estudo e referencial teórico

A área de estudo é complexa e diversificada, em acelerado processo de transformação. O foco, no presente texto, voltou-se para as mudanças ocorridas nos últimos 60 anos, tendo em vista que as ocorridas no século XIX estão sendo estudadas pela professora Elizabeth Kiddy, membro da equipe. Inicialmente a pesquisa estava direcionada para o Vale Sanfranciscano na Bahia, num

total de 27 municípios, uma visão macro importante para a análise de alguns indicadores como: distribuição da população, densidade demográfica, IDH, IDE e PIB, dentre outros.

Este espaço tem muitas peculiaridades que poderiam ser traduzidas em “diversos vales” dentro do próprio Vale do São Francisco, em consequência das várias ocupações do território, seja através da pecuária extensiva, da agricultura de vazante, da ocupação de certas localidades, que se transformaram em portos fluviais, da pesca artesanal, das barragens e da agricultura irrigada, ou a pesca em tanques com espécies exógenas. Trata-se de uma área dispersamente povoada, sendo que os municípios em geral dispõem de população em torno de 20 a 30.000 habitantes, exceção feita a Casa Nova, Paulo Afonso, Juazeiro e Petrolina (os dois últimos com mais de 200.000 habitantes, cada). Como os territórios municipais são muito extensos, nota-se uma densidade demográfica ainda mais diluída, em torno de 10 habitantes por km², destacando-se Juazeiro, Petrolina e Paulo Afonso com mais de 60 habitantes por km².

O Vale do São Francisco foi explorado desde o início da colonização portuguesa a partir de sua foz e logo algumas cidades foram erguidas, como Penedo, em Alagoas, a 30 km do Oceano Atlântico. A cidade de Barra data do século XVIII e praticamente é a primeira no território baiano às margens do São Francisco, seguida de Paratinga. Juazeiro é do século XIX, bem como Petrolina e Xique-Xique, dentre outras. Após estes períodos de ocupação, verifica-se no século XX um acelerado processo de desmembramentos, com vários municípios que se emanciparam. Este movimento foi especialmente decorrente da implantação das barragens de Sobradinho, do Complexo Paulo Afonso e Xingó.

Os ajustes, para a definição da área de estudo, mostraram-se inevitáveis, razão pela qual, a partir de

várias discussões e viagens exploratórias foram selecionados quatro municípios como representativos da temática a ser estudada: Juazeiro, Barra e Xique-Xique, na Bahia, e Petrolina, em Pernambuco. Partiu-se do pressuposto de que houve nessa área uma grande ruptura entre as atividades tradicionais do vale, com a implantação da Barragem de Sobradinho e a introdução da agricultura irrigada, o que provocou grandes repercussões na vida dos ribeirinhos.

O estudo foi baseado em revisão bibliográfica e levantamento de campo, com aplicação de entrevistas semiestruturadas. Foram realizadas três viagens a Juazeiro / Petrolina / Casa Nova / Sobradinho; três viagens a Barra / Xique-Xique e duas a Penedo. Realizaram-se reuniões semanais com o grupo, dois seminários internos, dois workshops, sendo o último em Juazeiro.

O processo de ocupação em foco vem suscitando o interesse de muitos estudiosos, investidores e técnicos do governo. Retomar os trabalhos de Halfeld e Theodoro Sampaio realizados no século XIX foi fundamental para se conhecer essa dinâmica de ocupação do vale. Como este se insere atualmente na economia globalizada, tendo em vista a complexidade e as desigualdades socioeconômicas, culturais e políticas, poder-se-ia citar Milton Santos (2007), segundo o qual “o espaço geográfico é a acumulação desigual de tempos”, bem como referir o paradigma da complexidade de Morin (2000), que não dissocia o sujeito do objeto, posto que emerge da comunicação entre as ciências.

O território, visto como um espaço delimitado, apropriado, mostra-se como objeto complexo, onde se estabelecem as redes de poder e de dominação. É no território que se materializam as relações sociais, culturais, econômicas, ambientais, enfim, todas as relações sociedade-natureza e onde efetivamente se dá a construção histórica da identidade do povo que nele vive.

Milton Santos (2007) ressalta que o território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o *território usado*, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território, portanto, é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

No caso específico do Vale Sanfranciscano, pode-se observar, historicamente, como esse território foi apropriado por particulares desde o início da colonização portuguesa, através da Casa da Torre e dos Guedes de Brito, que ampliaram a área doada pela Coroa, com anexação das terras indígenas. Os povos indígenas que aí habitavam anteriormente foram empurrados para outras áreas, expulsos de seu território original, que foi apropriado pelos novos habitantes. Hoje, o que se observa é o seguinte: uma larga concentração de terras que foi apropriada pelo grande capital; o poder institucional sobre o território, exercido pelos organismos oficiais que o controlam: a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba - CODEVASF e a Companhia Hidroelétrica do São Francisco - CHESF e a população ribeirinha totalmente submissa a esse poder.

Rogério Haesbaert (2004), em seu trabalho sobre desterritorialização, salienta que o conceito de território é muito amplo e tem sido apreendido por várias áreas do conhecimento, podendo agrupá-las em três vertentes básicas: política, cultural, econômica. Com relação ao conceito de identidade ou identidade territorial, Haesbaert enfatiza-a na discussão sobre identidade social a indissociabilidade das dimensões individual, subjetiva e social. Toda identidade só se define em relação a outras identidades, numa relação complexa de escalas territoriais e valorações negativas e positivas.

“
A grande quantidade de pessoas ligadas ao movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST) e espalhadas por diversas áreas é proveniente igualmente deste período.
”

Neste sentido, assinala-se a importância da geografia cultural e socioantropológica para compreensão da identidade do Vale do São Francisco. Por isso procurou-se associar o conceito de desterritorialização ao processo vivenciado pelas populações desalojadas pelas barragens e que perderam o sentimento de pertencimento em relação aos novos espaços que lhes foram atribuídos, sentindo-se, dessa forma, sem chão.

Quanto ao conceito de identidade, de acordo com Stuart Hall (2003), trata-se de algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência desde o nascimento. Existe sempre algo imaginário ou fantasiado sobre sua unidade. A identidade permanece sempre incompleta, está sempre em “processo”, sempre sendo formada.

4 As grandes mudanças do Século XX decorrentes da Barragem de Sobradinho e da agricultura irrigada

No século XX, o governo federal utilizando como estratégia de regularização do regime fluvial, das grandes cheias do São Francisco, construiu diversas barragens que tinham igualmente a função de geração de energia elétrica. A de Três Marias foi a primeira construída, em 1915, direcionada para o abastecimento da

população urbana e da indústria nascente na Região Metropolitana de Belo Horizonte. O Complexo de Paulo Afonso, com as diversas barragens que aí foram instaladas, a partir dos anos 1950, para a geração de eletricidade, veio a ser bastante significativo para o crescimento da Região Nordeste. A de Sobradinho, construída nos anos 1970 e inaugurada em 1978, tornou-se um imenso lago artificial, com um potencial para geração de energia elétrica em torno de 1.050,0 MW, o que representa um décimo de todo o potencial da bacia.

A construção desse empreendimento causou um impacto socioeconômico e ambiental sem precedentes na área estudada. A inundação de quatro cidades — Casa Nova, Pilão Arcado, Remanso e Sento Sé — e muitas vilas provocou o deslocamento de mais de 70.000 pessoas, sendo que parte dessa população foi direcionada para as novas cidades construídas e uma grande parcela redistribuída para outras áreas distantes, como as agrovilas de Serra do Ramalho (a 800 quilômetros de distância de Sobradinho) e tantas outras. A desestruturação familiar, o aumento do alcoolismo, da prostituição e tráfico de drogas fizeram parte dessas mudanças.

A grande quantidade de pessoas ligadas ao movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST) e espalhadas por diversas áreas é proveniente igualmente deste período. O que pode ser constatado é que as enchentes foram controladas, mas a um custo social imensurável.

Por outro lado, foi implantada na região a agricultura irrigada, introduziram-se novas culturas, como a manga, o melão, melancia, uva, cebola, tomate; foram criados órgãos administrativos, como a Chesf e a Codevasf, já referidos, além da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a qual desenvolveu uma série de pesquisas na região.

Deve ser ainda ressaltado o trabalho do Centro de Pesquisa do Tró-

pico Semiárido (CPTSA), instituição francesa que teve importante atuação nesta área.

A convergência de todas essas ações resultou no que pode ser considerado como uma “revolução verde”, pelo grande impacto que se verificou na Caatinga. Moacir Ferraz, agrônomo aposentado da Codevasf, em entrevista concedida em julho de 2009, em Juazeiro, assinala:

[...] a partir da agricultura irrigada foi aberto um crédito agrícola ao produtor, pelo Banco do Brasil, implantação da mecanização do solo e manejo em curva de nível. Mas, o maior problema foi transformar o homem da caatinga, que cuida de boi e de bode à solta em agricultor, utilizando o crédito bancário, tendo que respeitar a legislação trabalhista, aprender a comercializar através de cooperativas, utilizar técnicas de pulverização, manejo do solo etc. Não foi fácil essa capacitação, sendo que muitos não aceitavam os ensinamentos e os boicotavam para não entregar a produção às cooperativas (ED, 2009).

Os reflexos dessa nova atividade se fizeram imediatamente sentir no espaço urbano: as cidades de Juazeiro e Petrolina tornam-se cada vez mais competitivas e atualmente complementares, constituindo-se num pólo que se consolida e comanda a região com as novas atividades decorrentes da agricultura irrigada. Desenvolveu-se a produção de vinhos, com a vinda de grupos de empresários do agronegócio do Sul do Brasil, da Serra Gaúcha e de São Paulo, e de outras partes do mundo: japoneses, franceses, espanhóis, introduzindo novas tecnologias. Na educação, a necessidade de capacitação da mão-de-obra direciona-se para o ensino médio, tecnológico e superior: instalam-se a Uneb (Universidade do Estado da Bahia), a Escola de Agronomia, a Univasf (Universidade Federal do Vale do São Francisco), mais recentemente, e várias outras instituições de nível superior, públicas e privadas. A instalação do Cefet (Centro Federal de Educação

Tecnológica) e a oferta de vários cursos de graduação, notadamente os de Agronomia, Ciências, Medicina, Turismo, Gastronomia, Enologia, e cursos de educação à distância. Nesse contexto de novas oportunidades, destaca-se a empresa Ouro Verde/Miolo que tem motivado a criação de vários cursos. Trata-se de empresa, com longa experiência no campo da vitivinicultura na Serra Gaúcha – a Miolo; atualmente, possui 150 ha plantados de uvas para a produção do vinho, prevendo-se para o ano de 2012 um crescimento de 267% na área cultivada que deverá passar para 400 ha. A vinícola terá capacidade para produzir até 2012 um total de 3 milhões de litros/ano de vinhos finos e 2 milhões de litros de espumantes. E ainda: 5 milhões de litros/ano de vinhos finos para Brandy, através do Sistema Espanhol Soleiras.

Seguindo a política nacional adotada no país a partir da década de 1960, foi priorizado na região o transporte rodoviário. A construção da ponte sobre o Rio São Francisco entre Juazeiro e Petrolina veio a estimular as relações entre estas duas cidades e todo o seu entorno e facilitar as comunicações Nordeste / Sudeste. Com a implantação do transporte aéreo, o aeroporto de Petrolina, nos últimos anos, passou por adaptações para receber grandes aeronaves, tipo jumbo e efetuar a exportação de frutas como a manga, o melão e o mamão, principalmente para a Europa e os EUA. O ferroviário que já vinha em processo de decadência foi praticamente extinto, só restando o transporte de carga. Quanto ao transporte fluvial, foi durante algumas décadas, representativo para a região, mas entrou paulatinamente em decadência, sobretudo devido ao assoreamento do rio.

Por outro lado, as mudanças são visíveis no âmbito da agricultura, que passou de agricultura familiar, de subsistência, para a agricultura irrigada em grandes espaços, modificando o cinza da caatinga em verde permanente (SOUZA; CALDAS,

“... dependem muitas vezes de carros-pipa para o consumo de água, quando o “Velho Chico” corre muito próximo, em questão de metros ou a poucos quilômetros de distância, pois a água foi privatizada.”

2008). Os conflitos pela posse da terra, verificados logo após a construção da barragem de Sobradinho, principalmente, ainda perduram. Muitas indenizações que deveriam ser feitas pela Chesf não se concretizaram até os dias atuais e é considerável o número de assentamentos de trabalhadores sem-terra, nas adjacências de cidades como Casa Nova, Paulo Afonso e Barro Vermelho. Pode-se observar que muitos ribeirinhos ou “beiradeiros”, como eles se autodenominam, dependem muitas vezes de carros-pipa para o consumo de água, quando o “Velho Chico” corre muito próximo, em questão de metros ou a poucos quilômetros de distância, pois a água foi privatizada. Houve grande mudança no regime fundiário com tendência à concentração de terras e problemas de contaminação do solo e da água por agrotóxicos.

É fato que a importância do São Francisco torna-se cada vez maior, sobretudo com a demanda da água para o agronegócio. Este cenário se reproduzirá certamente com o grande projeto de irrigação “Baixio de Irecê”, para os municípios de Barra e Xique-Xique, com potencial de irrigação para 60.000 ha, conforme explicou um engenheiro da Codevasf, responsável pelas obras, em Xique-Xique.

Se, por um lado, a irrigação vem significando um grande retorno eco-

“ Não se pode omitir igualmente o grande debate que se apresenta entre os programas de Revitalização da Bacia, e o da Transposição do São Francisco, ambos encetados pelo governo federal. ”

nômico para o Semiárido do Submédio São Francisco, por outro, as fazendas estão cada vez produzindo mais frutas e consumindo mais água, configurando-se um problema que suscita muita discussão, a escassez da água, o que reproduz um cenário igualmente verificado em muitas regiões do planeta. Não se aprofundará a questão da mudança climática em nível global, com suas repercussões sobre a região, mas não se pode deixar de mencionar essa grande preocupação com a água, uma vez que o rio, de tão barrado, desmatado e sugado pela irrigação, está cada dia diminuindo a sua vazão, provocando um processo de assoreamento que praticamente inviabilizou a navegação fluvial, a não ser que se investissem maciças recursos para dragá-lo, além de provocar a diminuição da pesca artesanal, que aí era intensamente praticada pelos ribeirinhos.

Não se pode omitir igualmente o grande debate que se apresenta entre os programas de Revitalização da Bacia, e o da Transposição do São Francisco, ambos encetados pelo governo federal. Segundo vários pareceres técnicos, como os do geógrafo Aziz A'b Saber, do engenheiro Manoel Bonfim, da promotora Luciana Khoury, dentre outros, o Projeto de Transposição do rio não atenderá às populações ribeirinhas,

como propala o discurso oficial, mas sim ao agro ou ao hidronegócio.

Todos os pontos críticos aqui abordados mereceriam mais aprofundamento; no entanto, excederiam os limites do presente artigo. Na pesquisa focalizou-se temas, como o artesanato, a religiosidade, a gastronomia, a educação, a energia, que estão sendo contemplados em outros artigos desta publicação. Observou-se a existência de diversas mudanças que estão ocorrendo na área, tanto em nível comportamental, de valores e hábitos alimentares quanto outras concernentes a nova visão do Semiárido, com a chegada de moradores de outros Estados da Federação e até de outros países.

Notou-se que o ribeirinho do São Francisco continua sendo religioso sempre arraigado a suas tradições, a seus mitos e ritos. O aparecimento de novos credos, sobretudo as religiões evangélicas, fez com que se perdesse um pouco de alguns rituais católicos; mas, na essência, há uma forte religiosidade nos municípios da área estudada. Pode-se observar a devoção aos santos padroeiros das diversas cidades e as rezas e procissões de fiéis a implorarem chuva.

Pessoas entrevistadas falaram sobre os penitentes, grupos de homens que se autoflagelam nas procissões noturnas realizadas durante a Semana Santa, bem como as rezadeiras de almas, que também saem em procissão orando e cantando no mesmo período. São fatos recorrentes nos municípios baianos de Juazeiro, Barra e Xique-Xique. Estas manifestações religiosas tradicionais, como Nego D'água, Carrancas, Minhocão, estão ligadas à crença nas almas, nos espíritos dos mortos, constituindo parte dos mistérios que envolvem o Rio São Francisco.

A relação do ribeirinho com o Rio São Francisco é assim uma manifestação de fé, verificada nas procissões fluviais, realizadas no dia 4 de outubro, consagrado a São Francisco. Há, também, rituais de preces de pescadores antes de partir para a pesca,

quando esta demanda muitos dias e é praticada fora do perímetro urbano onde residem (conforme se constatou em Barra e em Xique-Xique), bem como os rituais das lavadeiras, que antes de começar a sua lida diária, fazem muitas orações de agradecimento voltadas para o rio. Observa-se o caráter simbólico do rio enquanto dádiva de Deus: o rio é o pai e a mãe; é aquele que dá o sustento aos ribeirinhos e por eles é carinhosamente chamado de “Velho Chico”, “Chicão”. É também conhecido como Rio dos Currais ou Rio da Unidade Nacional.

Deve ser ressaltado, ainda, que desde o início da colonização portuguesa no Brasil e da ocupação do Vale Sanfranciscano, com a pecuária extensiva, foi expressivo o papel evangelizador da Igreja Católica, seja através da catequese do índio ou na tentativa de conversão do escravo ou do alforriado. A construção de capelas e templos por todo o vale se constituiu numa presença marcante da Igreja Católica, que, durante vários séculos, dominou sozinha tal situação. A partir do século XIX vê-se claramente uma ocupação mais sistemática do espaço, com a implantação das dioceses, provocando uma certa hierarquização urbana. A cidade que abriga um bispado, ou seja, a sede da diocese, tem maior destaque socioeconômico, atrai alguns serviços e equipamentos e ganha mais prestígio, devido a essa nova condição. Além disso, sob a jurisdição de uma diocese, há uma grande quantidade de paróquias, igrejas menores e capelas traduzindo-se essa hierarquia urbana em uma espacialização do ponto de vista religioso, onde se observa igualmente um trabalho social muito importante, através das pastorais. Essa temática foi bem explorada na dissertação de mestrado de Veralucia Alcântara Borges dos Santos, intitulada: “Rio São Francisco: água, religiosidade e resistência” (2010).

Outro fator de identidade da área estudada é a gastronomia, cujo sustentáculo é o bode, sobretudo na

modalidade de bode assado. A culinária regional redescoberta das particularidades locais, ora preparada com simplicidade, ora com toques sofisticados, é um novo filão no mercado internacional e não poderia ser diferente nestas cidades sertanejas, totalmente inseridas no processo de globalização. Vem ganhando, pois, importância a culinária nordestina: peixes, em especial o surubim⁴, com molho de maracujá, defumado, grelhado ou em moqueca, carne de bode e mais recentemente a carne de cordeiro, o beiju (servido agora como tira-gosto), a rapadura, o feijão verde e a farinha de mandioca, em diversas modalidades (tapioca, puba). Produzidos em Juazeiro e em outras cidades próximas, como Uauá e Curaçá, encontram-se doces em pasta e sucos de frutas do sertão, geléias de umbu e maracujá do mato, e mel, que têm sido beneficiados e comercializados por uma cooperativa de mulheres, a Copercuc, que, em Curaçá, Uauá e Canudos, exporta esses produtos para a França, Holanda, Itália, onde têm grande aceitação, conforme Souza; Caldas (2008). Na região de Barra, o uso do fruto do buriti, no preparo de doces, sorvetes e em pratos salgados é bastante difundido, por causa do alto valor protéico desse alimento.

Novidade na culinária é a utilização das espécies de peixes, como o tucunaré, o curimatã e a tilápia, introduzidos depois da construção da Barragem de Sobradinho e que estão sendo consumidos pelas populações locais. No município de Barra o consumo se verifica sobretudo em casas de idosos ou na merenda escolar⁵. Estas espécies são exógenas e, segundo alguns entrevistados, extremamente predadoras, dizimando muitas espécies regionais, o que traz revolta para os pescadores.

Notou-se igualmente a difusão de inúmeras pizzarias, nas quatro cidades estudadas, o que vem implicando no maior consumo de lenha, a qual é retirada da caatinga, além de muitos restaurantes de comida a quilo. Ainda deve se ressaltar a gran-

de quantidade de frutas e legumes que foram introduzidos no Vale a partir da agricultura irrigada: o melão, a melancia, a manga, o coco, a uva, a cebola, o alho, dentre muitos outros, provocando mudança de hábitos alimentares, aparecimento de novos pratos, novas associações etc. Só para exemplificar, o Bodódromo, em Petrolina centro gastronômico foi construído nos anos 1980, com o objetivo de valorizar a carne de bode, sobretudo o bode assado como prato típico da região. O Bodódromo tem pouco a pouco modificado o seu cardápio introduzindo o “cordeiro”, mais tenro e de sabor mais suave, que parece agradar mais o paladar dos novos moradores. O vinho, que está sendo produzido na região, já é um atrativo, e concorre com bebidas como a cerveja e a cachaça; a nova cultura do vinho é responsável pelo aparecimento de novos cursos de especialização ou de nível médio para garçom ou para enólogos e, como seus desdobramentos, presencia-se o surgimento de cursos de Turismo e a proposta de roteiros temáticos como a “Rota da uva e do vinho”, que proporcionam visitas organizadas às vinícolas da região (Garziera, Miolo, dentre outras).

Quanto ao artesanato desenvolvido na região, ainda que de grande expressividade enquanto manifestação cultural, não se tem efetivamente melhorado as condições de vida da grande maioria dos artesãos locais. O trabalho é variado, havendo uma recorrência da cerâmica utilitária nos quatro municípios estudados e, praticamente, em todo o Vale.

Destaca-se em qualidade a cerâmica utilitária e decorativa de Barra, onde há um elevado nível de organização dos artesãos em cooperativas especialmente a Cooperativa Nossa Senhora de Fátima ou a Associação das Mulheres Artesãs, que

“ A atividade é bastante difundida pelo município ou concentrada nas áreas conhecidas como Brejos e também na sede municipal. Trabalha-se igualmente com o couro e com cabaças, sendo tudo produzido com muito esmero e qualidade. ”

muito contribuiu para esse movimento de mudança, consolidação da identidade e o reconhecimento dentro e fora do país teve inicialmente o apoio da Igreja Católica. Também constatou-se que alguns mestres, como Gérard, estão preocupados com a formação de jovens profissionais, mantendo no seu ateliê um bom número de aprendizes, transmitindo o conhecimento de geração para geração.

Além dos trabalhos em barro, o município de Barra preocupa-se com a diversidade de materiais usados no artesanato, como, por exemplo, os bonecos confeccionados em palha de bananeira ou em palhas de buriti, representando personagens da família. A atividade é bastante difundida pelo município ou concentrada nas áreas conhecidas como Brejos e também na sede municipal. Trabalha-se igualmente com o couro e com cabaças, sendo tudo produzido com muito esmero e qualidade. Os artesãos barrenses participam frequentemente de exposições e feiras,

⁴ Embora seja o mais apreciado, é também aquele que está escasseando em quantidade e diminuindo de tamanho. Segundo depoimentos locais, este fato vem ocorrendo em toda a área depois da construção das barragens.

⁵ Várias informações retiradas de Relatórios de Viagem de Patrícia Guerra sobre a Gastronomia Regional.

em Salvador, Recife e em várias outras cidades, e alguns deles são conhecidos mundialmente, através de suas peças. As de Gérard, especialmente as imagens de Nossa Senhora da Conceição são comercializadas para a França, Alemanha e outros países; são imagens que possuem um traço marcante nos véus e detalhes de roupas esvoaçantes que dão um toque místico, de rara beleza e suavidade ao trabalho⁶.

Com relação às carrancas – um ícone do Vale Sanfranciscano e da navegação fluvial –, elas foram originalmente produzidas em madeira, a umburana, e perderam com o tempo a sua simbologia, sua característica básica de assombrar as pessoas, de afastar maus olhados e maus presságios na navegação fluvial, sobretudo com a eliminação das embarcações a vapor e a decadência deste meio de transporte. Houve mestres que se notabilizaram em confeccionar belos exemplares de carrancas, como Guarany e Ana das Carrancas, sendo que esta última tem uma história de vida marcante, pois fazia as suas peças de barro e com os olhos vazados, em homenagem a seu marido, que era cego.

Estes artesãos foram muito prestigiados quando vivos. Para Ana das Carrancas, criou-se – gerenciado por sua filha, também artesã – um memorial em Petrolina, cidade onde ela residia. As carrancas são ainda produzidas em madeira, diversificando-se, porém, o material utilizado: além da madeira e do barro, elas são ainda feitas de mármore, material muito encontrado em Juazeiro, e de pedra-sabão. Seu tamanho, porém, diminuiu, pois a produção atualmente é voltada para o mercado do turismo, em forma de *souvenirs*, valorizando-se o pequeno formato, que diminui o preço e facilita o transporte. É o que se pode constatar no Atelier do Artesão (equipamento criado e mantido pela prefeitura de Petrolina, para concentrar os artistas, que assim criam e comercializam seus produtos em um só lugar).

“ *O Vale Sanfranciscano é, na prática, considerado uma área federal, independentemente de seu conteúdo social, de seus habitantes. O exemplo mais recente é o do projeto, em curso, de transposição de suas águas, contra o qual se mobilizaram...* ”

Os grandes mestres, como Roque Santeiro, que produziu durante toda sua vida imagens de santos, daí o apelido, hoje diversificou a sua produção, criando imagens que tratam de situações do cotidiano, como o parto, o descanso dos velhos e crianças brincando etc. O mestre Pedro Queimado, que reside em Juazeiro e tem ateliê em sua própria casa, trabalha com a madeira umburana sob encomenda, este grande artista confecciona carrancas em qualquer tamanho e com excelente padrão de qualidade. Não poderia ser omitido o nome de Cizaltino Brito, artesão juazeirense, que se preocupa em resgatar a história da navegação fluvial, reproduzindo em tamanho reduzido e com muita sensibilidade os vapores que navegavam no São Francisco, inclusive introduzindo instalação elétrica e bonecos de plástico, representando a tripulação e os passageiros. Um outro artesão com quem se manteve contato foi Milton Cão, de Xique-Xique, que se especializou em produzir imagens de

pescadores em madeira. Sua marca é divulgada em diversos espaços: em praças públicas, no Parque Aquático, como decoração de hotéis e pousadas e de casas comerciais e particulares, existe sempre uma escultura do pescador. Há, todavia, um traço comum que liga todos estes artistas: é o sentimento religioso, a crença em um Ente superior que os guia e os inspira em suas criações.

5 Conclusão

Com o estudo realizado no Vale Sanfranciscano, municípios de Juazeiro / Petrolina, Barra e Xique-Xique, constatou-se a grande complexidade que caracteriza a área, tendo em vista as transformações pelas quais tem passado nas últimas quatro décadas.

Os grandes empreendimentos resultantes de políticas públicas sempre se caracterizaram por serem decisões que vêm do Poder Executivo Central sem a participação da população local. Foi assim ao longo da história: período anterior, durante e posterior ao regime militar [1964-1985]. O Vale Sanfranciscano é, na prática, considerado uma área federal, independentemente de seu conteúdo social, de seus habitantes. O exemplo mais recente é o do projeto, em curso, de transposição de suas águas, contra o qual se mobilizaram o Comitê da Bacia, diversas pastoraes, grupos indígenas, quilombolas, diversos pesquisadores, políticos e outros segmentos da sociedade. Todas essas vozes foram contrárias a este projeto e favoráveis a um outro, mais significativo para a Bacia do São Francisco, qual seja, o projeto de revitalização, de longo prazo, na tentativa de reverter a situação de insustentabilidade em que se encontra o rio. Todavia, cumpre assinalar que as obras dessa transposição vêm sendo executadas de forma arbitrária, e em ritmo acelerado, contra o posicionamento da população ribeirinha e de seus representantes.

⁶ Retiradas informações dos Relatórios de Viagem de Naira Brandão sobre o Artesanato no Vale.

“ *Trata-se de um mundo no qual as populações ribeirinhas estão vivendo os seus infortúnios, seus dilemas, suas dificuldades e contradições sustentadas por um discurso hegemônico que vem justificando as tragédias...* ”

Por outro lado, o represamento das águas do São Francisco na imensa barragem que é o Lago de Sobradinho, possibilitou a geração de energia e mesmo as facilidades efêmeras para a navegação fluvial, mas, é evidente que as desigualdades se ampliaram com a concentração de terra e da renda, aspectos que não podem ser minimizados, tendo em vista que até os dias atuais ficaram muitas pendências com relação às indenizações das populações que foram desalojadas por esse empreendimento.

Outro aspecto significativo é a introdução da agricultura irrigada, que produziu, de acordo com determinados grupos, os “novos sertões” tanto com a mudança na paisagem, nos desafios para a população local, quanto no enfrentamento de novas técnicas agrícolas, na necessidade de capacitação e nos problemas ocorridos com o desconhecimento dessas técnicas, como a poluição dos rios e riscos para a saúde da população, decorrentes do uso de inseticidas e agrotóxicos. Mas sabe-se que quarenta, cinquenta anos depois o espaço geográfico continua com todos esses contrastes: mudanças drásticas, impactantes e outras que se processam no cotidiano.

As significativas diferenças que o local faz persistir dentro desse processo de globalização financeira são dissimuladas nesse jogo entre local e global, numa suposta forma de universalização do consumo. Mas o que ocorre é a transformação da coisa pública, das praças, das festas, da vida cotidiana, do saber tradicional, do artesanato. Modifica-se a “paisagem” das pequenas cidades, rompem-se laços de solidariedade, privatiza-se o espaço público, prioriza-se o interesse do grande capital.

A tendência à inovação e institucionalização das práticas culturais, que impulsionam, cada vez mais, os “empreendedores” das culturas locais a se alinharem aos critérios ditados pelas políticas culturais globalizadas, cria novas sociabilidades sustentadas pela matriz do discurso da livre iniciativa dos indivíduos. A cultura local é transformada numa mercadoria, como outra qualquer, institucionalizada e integrada ao sistema econômico dominante. Surgem os intermediários que determinam, de acordo com os interesses daqueles que são os donos das marcas, formas de produzir e de comercializar os produtos.

Trata-se de um mundo no qual as populações ribeirinhas estão vivendo os seus infortúnios, seus dilemas, suas dificuldades e contradições sustentadas por um discurso hegemônico que vem justificando as tragédias como de ordem natural ou como problemas técnicos e a concentração de poder e riqueza como uma decorrência natural deste suposto desenvolvimento, materializando esta área como um espaço dual e complexo.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda, RATTS, Alecsandro (Orgs.). **Geografia: leituras culturais**. JP Ratts. Goiânia: Alternativa, 2003.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Populações ribeirinhas do Baixo São Francisco**. Rio

de Janeiro: Ministério de Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1961.

CORREA, Roberto Lobato. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” “à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 7. ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2003.

MOREIRA, Elisabet Gonçalves. **Carrancas do sertão: signos de ontem e de hoje**. Petrolina: Sesc, 2006.

MOREIRA, Gilvander Luis Moreira (org). **Dom Cappio: rio e povo**. Centro de Estudos Bíblicos. São Leopoldo (RS). 2008.

MORIN, E. **Educação e complexidade: Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Maria da Conceição de Almeida, Edgard Assis de Carvalho (org). Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; 2000.

SAMPAIO, Teodoro. **O Rio de São Francisco: trechos de um Diário de Viagem e a Chapada Diamantina**. Escolas Profissionais Salesianas, 1905. Salvador: Institutos Geográficos e Históricos da Bahia, 1998 (fac-símile da 1. ed.).

SANTOS, Milton. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2007.

SENADO FEDERAL. Comissão de Acompanhamento de Revitalização do Rio São Francisco. **Relatório Final**. Brasília, DF. 2002.

SOUZA, R.C.A; CALDAS, A.S. **Viagem ao São Francisco**. Salvador: Unifacs, 2008.